

Fénix

ou da esperança e do ensino do latim

Situação inesperada, talvez mesmo surpreendente, aquela com que deparamos, hoje, em Portugal, no que diz respeito ao ensino do latim. Após um período que parecia ser de agonia e que se manifestou pelo quase total despovoamento das aulas de latim, somos, neste momento, confrontados com uma situação de quase exuberância: milhares de estudantes, em todo o país (mas principalmente a norte do Tejo) frequentam esta disciplina. Só nos 10^o, 11^o e 12^o anos de escolaridade são cerca de 6.000 os alunos inscritos. E o futuro não se mostra menos ridículo: já foi afirmada a necessidade de integração da cadeira de latim em currículos dos cursos de Línguas e Literaturas das Faculdades de Letras e de Ciências Humanas, que, nas reformas actualmente em vigor, não a contemplam. Exige-se, ainda, e com algum eco a nível das entidades oficiais, que a disciplina de latim passe a integrar os currículos de outros cursos do ensino secundário (História, Filosofia, Direito...).

Tudo parece indicar que o esforço antigo dos classicistas nacionais está a produzir resultados positivos e que, qual Fénix, o latim renasce como força actuante no panorama escolar, e cultural, portugueses.

Muitos são os motivos que justificam o estudo do latim - e a referência a latim e não a língua latina é intencional, já que aquela designação pressupõe que, a par da língua, se concretize um estudo da cultura -, sobretudo se tivermos presente que Portugal é um país que utiliza uma língua derivada do latim, língua essa que é também veículo de expressão ofi-

cial de outras nações, e onde, por outro lado, a cultura latina deixou vestígios evidentes. Razões culturais, científicas e pedagógicas justificam a inclusão do latim nos currículos médio e superior, razões que, resumindo, vão desde a conclusão de que é uma peça indispensável para o desenvolvimento de uma mentalidade lógica à afirmação de que possibilita o aumento das capacidades de abstracção, memorização e racionalização, passando, evidentemente, pelo papel primordial como elemento de manutenção de uma tradição cultural e de estímulo do sentido estético.

Embora Portugal não seja Roma, a cultura nacional passa, obviamente, de uma forma directa ou indirecta, embora não predominante, pela latina. Se Portugal aposta no futuro - e a integração na CEE parece querer provar a adesão a um espírito de novidade e de progresso -, não é possível continuar a desprezar a tradição cultural. Um país não se define apenas pelos seus rendimentos *per capita* ou pelo seu produto nacional bruto; é também culturalmente que as nações se afirmam e é com base na tradição cultural - que não é sinónimo de revivalismo nostálgico de um passado perdido - que evoluem. Esta tradição cultural não é, em si, um fim, mas, antes, um meio. Um meio de manter e divulgar, de relacionar, de permitir a conservação, actualizada, de valores, e de compreender - exige-se principalmente uma tradição cultural que seja um modo de compreensão da vida, do mundo, do homem, do passado e do presente, de um presente que deve ter uma projecção no futuro.

Mas serão estes os verdadeiros motivos que estão na origem da explosão demográfica verificada nas aulas de latim? Não nos referimos, como é óbvio, aos que aconselharam e motivaram os legisladores, que, esses, não duvidamos, compreendem a real importância de que o estudo do latim se reveste. Mas será que os jovens que são iniciados no rosa, -ae têm consciência dos utensílios válidos e criadores que estão a ser postos à sua disposição? Acreditamos, *hic et nunc*, que o optimismo não deve ser exagerado, pois as razões reais que levam os estudantes a inscreverem-se na disciplina de latim são, na maioria dos casos, essencialmente pragmáticas. Assim, se o latim é um meio útil e se, com relativa facilidade, também é possível fazer dele um instrumento positivo, o passo seguinte parece ser o de levar os estudantes a considerá-lo como uma necessidade para o desenvolvimento dos estudos e capacidades intelectuais. Por outras palavras, podemos dizer, em suma, que falta levar os alunos a gostarem do latim. Esse é, parece-nos, o grande desafio. Motivar, cativar, ensinar: o objectivo deste processo ou, usando o velho princípio ciceroniano, desenvolver em cada um as capacidades de um cultor das artes *humanitatis* e das *litterae humaniores*.

E será bom que não se fale apenas em latim, mas em línguas clássicas, porque o grego também tem um papel importantíssimo a representar e não pode nem ser esquecido nem posto de parte.

Consciente da oportunidade do momento e do grande esforço desenvolvido pelo ICALP e pelo grupo de Latim do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa para a preparação do Colóquio sobre o Ensino do Latim (Lisboa, Maio de 1987), CLASSICA decidiu lançar este número especialmente dedicado à situação do ensino do latim. Queremos publicamente testemunhar o nosso agradecimento ao Prof. Dr. Peter Wülfing, que autorizou a publicação das comunicações do Colóquio de Tubinga sobre a situação do estudo das línguas clássicas (Romiosini Verlag, Köln, 1986), e à Prof^a Dr^a Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, que obteve essa autorização e a ofereceu à CLASSICA. Decidimos acrescentar algo sobre o ensino do latim em Portugal, pelo que apelámos para o apoio do Prof. Dr. Aires Augusto Nascimento, do Dr. Manuel Rodrigues e do Dr. Raul Pissarra. Queremos também agradecer aos colegas que traduziram os artigos das línguas originais: Prof. Dr. Manuel Alexandre Júnior, Dr^a Nazareth Sanches, Dr. Arnaldo Monteiro do Espírito Santo e Dr. Manuel Rodrigues.

Num momento em que se discute o futuro do latim nos currículos escolares portugueses e em que, por outro lado, está latente a necessidade de actualização científica e pedagógico-didáctica, todos os esforços são, sem dúvida, necessários. Que deste esforço venha a surgir um modo renovado de encarar os Estudos Clássicos em Portugal. O nosso desejo, o nosso objectivo.

Vítor Jabouille